

Mauricio Ribeiro da Silva
Carlos Magno Camargos Mendonça
Carlos Alberto de Carvalho
José Eugenio de Oliveira Menezes
Maria das Graças Pinto Coelho
Organizadores

MOBILIDADE, ESPACIALIDADES E ALTERIDADES

Salvador
EDUFBA
2018

JOVENS E INTERAÇÃO COMUNICATIVA EM BELÉM: FLUXOS ENTRE O RURAL E O URBANO

Fábio Fonseca de Castro
Alda Cristina da Silva Costa
Monique Feio Igreja

INTRODUÇÃO

O espaço amazônico apresenta uma relação complexa entre mata, campo e cidade. Muitas vezes, esses espaços não são realidades estanques e isoladas entre si, e as populações que os ocupam apresentam estratégias diferenciadas de integração social, transitando entre eles em sua vida cotidiana. Esses processos tendem a se intensificar à medida que os territórios mais isolados ganham acessibilidade ao uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e, também, naturalmente, à medida em que se integram às dinâmicas econômicas e culturais da sociedade nacional brasileira e do ocidente em geral. Com efeito, as TIC constituem importante instrumento de mediação entre as fronteiras existentes nesses espaços e mesmo de tensionamento e ruptura dessas fronteiras.

Porém, falar em intensificação do uso das TIC, bem como das trocas econômicas e culturais não significa, necessariamente, falar em homogeneização dos espaços e em simplificação das estratégias de reprodução social de sociedades tradicionais – como indígenas, ribeirinhos e quilombolas, dentre as populações tradicionais da Amazônia. A região metropolitana de Belém, por exemplo, se constitui em um espaço híbrido, no qual cerca de 100 mil indivíduos, que podem ser compreendidos como parte dessas populações tradicionais, convivem com uma população de cerca de 2,5 milhões de habitantes. Um espaço no qual diferentes territorializações e múltiplas hibridações se produzem. Particularmente, interessante nos parece ser o caso das populações tradicionais que vivem nas 39 ilhas do município de Belém, ou nas demais 33, presentes nos outros municípios que compõem sua região metropolitana.

Essa condição insular garantiu, historicamente, a possibilidade de preservação de modos de vida tradicionais, embora a integração com a vida urbana seja constante. Conforme Ribeiro, Cardoso e Bezerra (2014), Belém se configura como uma metrópole diferenciada, se comparada às demais do Brasil, pois nos centros urbanos brasileiros as populações tradicionais geralmente vivem distantes dos centros econômicos. Efetivamente, o que permite a preservação desse modo de vida é o fato de que essas populações, que têm por principal atividade econômica o extrativismo vegetal e a pesca, encontram, no centro urbano de Belém, um espaço voraz de escoamento de sua produção.

O acesso dessas populações às TIC¹ se deu, naturalmente, em paralelo à experiência histórica de Belém, mas com peculiaridades: se a imprensa escrita surgiu, nessa cidade, na década de 1820, a rádio na década de 1920, a televisão na década de 1960, a telefonia móvel na década de 1990 e a internet nesse mesmo momento, a maior parte das ilhas de Belém permaneceu sem energia elétrica até o ano de 2011. Se o rádio à pilha ou à bateria constituía, nesse espaço, bem como em toda a Amazônia, o veículo de comunicação usual e fundamental, ainda hoje ocupando essa posição, o uso de televisão, telefonia e computadores apenas se popularizou nesse ano de 2011.

1 Neste trabalho, entende-se por TIC a todas as tecnologias que influenciam os processos comunicativos e informacionais dos indivíduos. O termo também está relacionado ao conjunto de recursos tecnológicos integrados, que possibilitam e potencializam a comunicação, por meio de *hardware*, *software*, telecomunicações e automação, que envolvem os processos de negócios, pesquisa científica, ensino e aprendizagem, assim como a vida social. (CASTELLS, 1999)

As TIC, sobretudo as mídias móveis, permitem que os habitantes das ilhas de Belém se façam incluir na teia de processos comunicativos que, contemporaneamente, perfazem as relações socioculturais entre o local e o global. Nesse cenário, o telefone celular tem se destacado como instrumento tecnológico capaz de promover apropriações de posições enunciativas e novas formas de sociabilidade. Utilizado anteriormente apenas para a realização de chamadas telefônicas, esse aparelho, reconfigurado como *smartphone*, posiciona-se, na atualidade, como principal suporte de interação social midiática, à medida em que serve como plataforma ágil de *download* e *upload* de informações. (JENKINS, 2009) Os *smartphones* permitem que usuários compartilhem informações por meio das mais diversas mídias sociais e passem a ocupar posições de enunciação que antes não lhes eram facultadas.

Este artigo objetiva compreender o uso dos *smartphones* por jovens de uma das ilhas que formam o município de Belém. Nossa intenção é perceber como as práticas culturais-comunicacionais desses jovens, particularmente em relação à sua permanente mobilidade entre o ambiente mais tradicional onde habitam e a cidade grande, onde estudam, agenciam e são agenciadas pela tecnologia e como a tecnologia reorganiza a sua percepção espaço-temporal, em relação à experiência social tradicional do espaço no qual eles se inserem. Num plano mais aberto, desejamos compreender o uso das TIC enquanto mediação cultural da articulação do fluxo entre urbano e rural vivenciada pelos jovens da Amazônia.

Compreendemos que a comunicação globalizada interfere diretamente nas interações dos indivíduos e que isso ocorre de maneira peculiar para aqueles que vivem na tênue fronteira entre campo e cidade na Amazônia. Pretendemos, com essa perspectiva, entender como o *smartphone* está inserido nas interações dos jovens, assim como abordar questões referentes ao modo de vida de Murutucu, as noções que os jovens têm do local em que vivem e como lidam com o contínuo fluxo entre esse espaço e Belém.

DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA E DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

A pesquisa foi estruturada com base numa observação participante iniciada com aplicação de formulário e continuada por meio da convivência e diálogo com 20

jovens habitantes da ilha do Murutucu, que se localiza no rio Guamá, fronteira sul do município de Belém. Todos esses jovens habitam na referida ilha e estudam diariamente em escolas da área urbana de Belém. Questionários semiestruturados foram aplicados, permitindo posteriores entrevistas abertas. Algumas questões procuraram compreender a realidade socioeconômica dos jovens entrevistados, delimitando faixa etária, escolaridade e gênero. Também foram abordadas questões prospectivas, que pretenderam diagnosticar aspectos subjetivos dessa relação, notadamente a percepção da temporalidade, ou melhor, o conflito de temporalidades e espacialidades entre os espaços rural e urbano propiciado pelo uso das TIC e as práticas de mediação do seu fluxo cotidiano entre esses dois ambientes.

As entrevistas foram estruturadas sobre quatro eixos: identificação; a experiência de morar na ilha; a experiência do deslocamento a Belém; a caracterização do uso do celular e da internet.

O universo pesquisado foi composto por 14 jovens do gênero feminino e seis do gênero masculino, com idade entre 15 e 27 anos. A maior parte dos entrevistados mora às margens do rio Guamá (40%), enquanto que 30% residem no Furo da Paciência – que separa as ilhas do Murutucu e do Combu –, e 30% às margens do rio Bijogó, localizado na parte sul do Murutucu. Muitos dos jovens moram desde recém-nascidos na ilha (60%) e a maioria deles não tem atividade laboral (80%).

Com relação ao nível de renda, 10 jovens relataram que a família recebe até 1 salário mínimo, oito entrevistados afirmaram receber até dois salários e apenas dois jovens indicaram que a renda familiar gira em torno de 3 salários. A atividade econômica predominante das suas famílias é a coleta extrativista de açaí, mas alguns pais dos entrevistados exercem funções de mecânico, vigilante e motorista de transporte escolar fluvial. As mães dos jovens, em sua maioria, não desenvolvem atividade profissional. As que trabalham, atuam com serviços domésticos em Belém e com transporte escolar. Esse dado reflete a predominância da atividade extrativista na ilha de Murutucu.²

2 A ilha já foi sede de uma fábrica de beneficiamento e exportação de açaí, denominada *Amazon Fruit*. A empresa operou entre os anos de 2009 e 2012 e se configurou como grande exportadora de polpa de açaí da ilha, comercializando o produto para empresas de cinco continentes (LIMA et al., 2010). Toda a estrutura da *Amazon Fruit* ainda pode ser encontrada na ilha, mas está inutilizada.

O LUGAR: OS CAMINHOS DE ÁGUAS QUE LEVAM À MURUTUCU

A região insular de Belém possui 33.203,67 hectares, o que corresponde a 65,64% do território municipal. As populações indígenas de grupos tupinambás foram as primeiras a ocupar essas ilhas e, em seu processo histórico, estima-se que enfrentaram frequentemente as populações de origem karib, que dominavam o arquipélago do Marajó. Com o controle desses territórios pelos colonizadores portugueses, as ilhas de Belém passaram a ser ocupadas por populações ribeirinhas, compostas por indígenas desterritorializados e semiaculturados, escravos quilombolas e também elementos europeus não integrados ao sistema econômico-político vigente. O histórico da parte insular da capital paraense remonta a um passado de subalternidade: as ilhas também eram destinadas ao isolamento de pessoas tidas como perigosas pelo governo, que portavam doenças infecciosas ou tinham comportamento considerado marginal. (GUERRA, 2003) As ilhas também tiveram função estratégica durante as guerras civis das décadas 1820 e 1830, particularmente durante a Cabanagem (1835-1840), quando serviram de esconderijo e espaço de combate de guerrilhas.

Atualmente, o volume e o valor produtivo do território insular de Belém são reconhecidos, mas, segundo Guerra (2003, p. 157), as demandas das ilhas ainda não têm a devida atenção do Governo: “[...] elas continuaram funcionando como uma espécie de reserva de terras urbanas ou de fornecimento de produtos primários, sem que políticas públicas claras lhe fossem dedicadas”. Essa afirmação é facilmente notada na realidade dos habitantes do Murutucu. A partir de alguns pontos da ilha é possível visualizar todo o complexo de prédios situados próximos a Belém, bem como a estrutura da Universidade Federal do Pará, localizada bem em frente. Entretanto, algumas estruturas básicas da vida cidadina, como serviço escolar e de saúde, não estão inseridas na realidade dos moradores. Murutucu conta apenas com uma escola, que oferta turmas até o 5º ano do ensino básico. Devido a essa realidade, os jovens que vivem na ilha precisam, a partir do 6º ano, deslocar-se até Belém para estudar.

A ilha do Murutucu é uma das mais extensas da porção sul do complexo insular de Belém. Tem uma área de 866,16 hectares, está localizada às margens do rio Guamá e fica a apenas 9 km, em linha reta, do centro da capital paraense. Essa proximidade faz com que haja um intenso deslocamento dos habitantes

entre a ilha e a capital, principalmente para fins de comercialização do açaí,³ mas também para que usufruam de serviços ausentes na ilha.

A ilha está separada do ambiente urbano por um rio caudaloso, por cerca de 300m. Aparentemente, esse espaço é curto, mas a distância sociocultural nele existente é imensa. O que não impede, evidentemente, a interação dos moradores da ilha e o centro da cidade. Com a pequena distância e as trocas econômicas quotidianas, muitos aspectos do indivíduo urbano, compreendido enquanto tipo ideal da modernidade cidadina, foram incorporados ao modo de vida dos jovens locais.

Para melhor caracterizar o espaço pesquisado reproduzimos, ainda, a Figura 1, na qual percebemos a área urbana de Belém ao fundo, a partir da embarcação utilizada na pesquisa, em imagem feita no rio Guamá.

Figura 1 – Travessia de Belém para Murutucu



Foto: Monique Feio Igreja.

3 O fruto é vendido pelos ilhéus, principalmente, no tradicional Porto da Palha, em Belém.

Também procuramos ilustrar o padrão de residências típicas da zona ribeirinha de Belém, por meio da Figura 2, local de moradia de um dos jovens entrevistados, para melhor contextualizar a experiência social dos ilhéus.

Figura 2 - Residência de um dos entrevistados, localizada no Furo da Paciência



Foto: Monique Feio Igreja.

As associações de ideias referentes ao campo e à cidade são variadas. De acordo com Williams (1989), o contraste entre rural e urbano, como modos de vida fundamentais, tem origem na antiguidade clássica e cristalizou noções específicas para cada uma dessas realidades: o campo estaria ligado a uma forma natural de vida, que envolve a paz, a inocência e virtudes simples. Já à cidade estaria reservada a ideia de “[...] centro de realizações – de saber, comunicações, luz”. (WILLIAMS, 1989, p. 11) Associações negativas à cidade e ao campo também são relacionadas: “[...] a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação.” (WILLIAMS, 1989, p. 11) A chamada escola de Chicago⁴ estabeleceu critérios geográfico-espaciais para qualificar a experiência espacial dos indivíduos, e isso resultou em forte polarização entre o urbano e rural, ainda que a caracterização do urbano se produza a partir de sua heterogeneidade.

4 A escola de Chicago surgiu nos Estados Unidos, no início do século XX, e foi pioneira em estudar o pensamento comunicacional sistemático. O espaço urbano é tido por seus teóricos como forte influenciador no processo de formação do indivíduo.

Porém, em uma realidade multifacetada como a da Amazônia, as ideias tradicionalmente pré-estabelecidas referentes ao urbano e ao rural exigem a percepção de zonas de contraste e de hibridação. É arriscado precisar o que diferencia o modo de vida urbano do rural em espaços que apresentam constante processo de polarização e que não raro se sobrepõem. As recorrentes interseções ocorridas entre os meios rural e urbano, de acordo com García Canclini (2010), inviabilizam a aplicação do conceito de que um é, simplesmente, a oposição do outro. Conforme Vasconcellos (1999, p. 14), a Amazônia apresenta um problema na abordagem da relação campo-cidade: “O espaço rural faz parte de uma estrutura social ampla, da qual faz parte também a cidade e essa, por sua vez, está introduzida no campo, havendo entre ambos relações e formas variadas”.

Cardoso e Lima (2006, p. 82) destacam que as cidades na Amazônia têm diferentes significados para os variados agentes sociais inseridos na produção do espaço urbano e rural: “As estratégias dos agentes revelam redefinições do urbano em meio a um rural em transformação”. A afirmação de que todas as sedes de município são tidas como cidades - conceito consolidado pela Constituição de 1988 -, tornou-se, de acordo com os autores, determinante para que as vantagens políticas decorrentes da origem de novos municípios disseminassem cidades em um território amazônico anteriormente diferenciado, pois era “[...] dominado pela cultura rural, carente de infraestrutura e de referências de comportamento urbano”. (CARDOSO; LIMA, 2006, p. 90)

Conforme Castro (2009), 70% da população da Amazônia vive em cidades, mas a autora enfatiza que essa estatística deve ser entendida a partir da ideia de que o urbano faz parte de uma dinâmica territorial que envolve estruturas do rural. Dessa forma, torna-se relevante voltarmos os olhos para essas realidades considerando noções de território, mas também “[...] resgatando o universo de relações sociais que ultrapassa, na realidade, essa segmentação rural-urbano”. (CASTRO, 2009, p. 9)

Nesse sentido, a análise dos ambientes rural e urbano deve ser tecida a partir de percepções dos contextos culturais e das subjetividades relativas aos povoados, vilas, aldeias, pequenas e médias cidades, pois estes contêm afinidades históricas e culturais, fato que demanda um entendimento para além da dicotomia existente entre rural e urbano. (CASTRO, 2009) Assim, os atores sociais amazônicos devem ser compreendidos na dinâmica interativa que os caracteriza, pois

“[...] as cidades na Amazônia assumem diferentes significados para os diversos agentes sociais envolvidos na produção do espaço urbano-rural. As estratégias dos agentes revelam redefinições do urbano em meio a um rural em transformação”. (CASTRO, 2009, p. 10)

A dimensão subjetiva, ou melhor, intersubjetiva, desse processo histórico produz um modo de produção peculiar e uma experiência social centrada em uma realidade composta por sistemas fluviais e matas onipresentes na forma de vida desses sujeitos amazônicos. Paes Loureiro (2001, p. 125) interpreta essa realidade observando que o rio envolve tudo: “[...] a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e a destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade”. Os rios são decisivos, portanto, na maneira de vida daqueles que moram ao longo de suas margens e que na vida cotidiana são conhecidos como ribeirinhos.⁵

Para as populações ribeirinhas, os rios estabelecem representativo significado, pois “assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais”. (LOUREIRO, 2001, p. 125) O rio adquire variados significados no contexto dos jovens moradores de Murutucu. A partir das entrevistas realizadas, observamos que, por vezes, ele é representado como meio de locomoção e de lazer ao mesmo tempo, como destacou Cl,⁶ uma das participantes desta pesquisa. Quando perguntada se sentiria falta do rio, caso tivesse de se mudar e morar na frente de uma rua, ela afirmou: “*Com certeza sentiria falta, porque eu estou acostumada, né? Pra mim também é meu meio de locomoção e eu gosto muito de tomar banho, gosto de estar lá. Quando eu estou estressada eu vou e fico lá de molho... pra mim é muito bom mesmo*”.

A importância do rio também esteve presente na fala da entrevistada J. Para a jovem, o rio está relacionado ao atendimento das necessidades básicas, como a prática de tomar banho com suas águas. Ela destacou o problema de fornecimento de água que acomete muitos moradores da capital paraense, o qual vivenciou quando passou um período morando na cidade: “*Quando eu*

5 Diegues (2008) conceitua-os como comunidades que têm uma forma de organização econômica e social com baixa acumulação de capital e que desenvolvem atividades econômicas centradas na extração sustentável de recursos naturais renováveis.

6 A fim de preservar o sigilo dos participantes da pesquisa, os nomes dos entrevistados foram identificados por letras.

tava lá em Belém e faltava água, eu dizia: ‘Meu Deus, lá em casa não tinha essas coisas, eu tava com o rio lá na frente, nunca ia passar por isso’. Batia aquela vontade de voltar, sabe?!’.

O jovem Ev., por sua vez, ressaltou que a locomoção pelos rios é mais democrática, pois o valor de um barco é mais acessível se comparado ao de meios de transporte terrestres: “*Se tu tens um casco⁷, tu podes ir pelo rio normal, agora no asfalto não, é mais difícil, porque no asfalto eu tenho que ter uma bicicleta, um carro, e essas são coisas difíceis de conseguir*”. A mobilidade física proporcionada pelo rio é facilitadora, no sentido apontado por Ev., mas, ao mesmo tempo, limitadora, pois o trânsito nos rios depende dos seus períodos de cheia, como destacou J.: “*A travessia ainda me incomoda um pouco. Às vezes a maré está grande e eu preciso esperar, isso é a única coisa que me incomoda*”. Apesar de a locomoção dos jovens ser pautada pelo tempo do rio, J. apontou que é mais fácil chegar a Belém por meio do rio do que através de ruas, já que nas vias aquáticas não há congestionamento.

O depoimento da entrevistada R. expôs o caráter essencial do rio para a interligação de Murutucu com Belém, cidade que supre grande parte das necessidades dos moradores ilhéus, mas ressaltou que o rio também adquire um sentido de proteção das mazelas da cidade. Quando perguntada se gostaria que houvesse uma ponte ao invés do rio, que interligasse a ilha à capital, a jovem foi taxativa:

Se isso acontecesse, eu colocaria um muro bem no meio da ponte, porque senão ia vir muita gente pra cá, ia ter mais violência, mais roubo. Uma parte ia melhorar, e outra piorar, porque fazendo uma ponte, as pessoas iam ter como fazer comércio, iam fazer muitas outras coisas pra ganhar dinheiro, ia movimentar mais a ilha, mas também tem o ponto negativo. Eu acho que está bom assim mesmo.

Percebemos os variados sentidos atribuídos pelos jovens ao rio. Sendo visto como meio de locomoção, lazer ou de proteção, ele estende seus braços e alcança a forma de vida dos moradores amazônicos, entrecortando diversos fatores: “[...] a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e a destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a

7 Na Amazônia, a palavra “casco” é utilizada como sinônimo para canoa pelas populações das ilhas.

economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo”. (LOUREIRO, 2001, p. 125) Dessa forma, os processos de interação com o rio estão relacionados não só com a questão geográfica dos ribeirinhos, mas também com as relações econômicas e socioculturais que estabelecem com ele.

USOS DA TECNOLOGIA

Murutucu tem dinâmicas particulares em seu contexto: é entrecortada pelos chamados furos⁸ e não conta com “ruas”, apenas com caminhos, que conectam algumas residências, mas o trânsito dos moradores se dá, principalmente por meio de embarcações, notadamente a rabeta.⁹ As residências localizadas em Murutucu são, geralmente, distantes umas das outras e aquelas que se situam próximas pertencem a integrantes de uma mesma família.

Assim, o deslocamento dos jovens é limitado, pois alguns relataram que os pais não permitem que eles utilizem sozinhos a rabeta. Outro aspecto importante a ser destacado é o fato de a ilha não ter espaços públicos de lazer institucionalizados, como praças, que integrem os jovens locais. Nesse contexto, o acesso à internet, facilitado com o uso de *smartphones*, adquire um papel fundamental nas interações tecidas pela população juvenil.

Quando perguntados sobre como se conectavam ao ambiente virtual, todos os jovens indicaram utilizar o *smartphone* com essa finalidade, fato que reflete a facilidade de acesso possibilitado pelo dispositivo, que permite uma maior inclusão digital, já que tem um custo inferior se comparado a computadores, *notebooks* e *tablets*. Com o *smartphone*, jovens pertencentes a localidades rurais, como a ilha de Murutucu, passaram a ter possibilidades de conexão da mesma forma que jovens de áreas urbanas. O dispositivo se torna uma presença marcante, sendo extensão de suas comunicações e manifestações.¹⁰ Todos os entrevista-

8 Na Amazônia, usa-se a nomenclatura “furo” para denominar os canais que integram a mancha fluvial do território.

9 Embarcação que tem porte pequeno, com motor e hélice traseira não muito profunda. É utilizada com frequência para o transporte das populações que vivem às margens dos rios, pois deslocamento por meio de rabeta é bem mais ágil, se comparado ao transporte feito de canoa.

10 São utilizadas as seguintes marcas de *smartphone* pelos jovens da ilha: LG (45%), Samsung (40%), Motorola (10%), Sony (5%).

dos ressaltaram que o *smartphone* é muito importante para a comunicação com os amigos, relacionamentos afetivos e descontração nos momentos de lazer. Na Figura 3, a jovem T. conversa pelo celular com o namorado, às margens do rio Guamá, próximo da sua casa.

Figura 3 - A jovem T. navega na internet pelo *smartphone*.
Percebe-se o centro de Belém ao fundo, na margem oposta do rio



Foto: Monique Feio Igreja.

Na pesquisa realizada com os ilhéus, observamos que o significado dos meios de comunicação foi reconfigurado com o uso dos *smartphones*. No questionário, uma das questões indagava quais os meios de comunicação que havia na casa dos jovens. A grande maioria deles (18 dos 20 entrevistados) indicou ter celular, 7 afirmaram possuir aparelho de televisão, 3 responderam ter notebook e apenas 2 afirmaram possuir rádio.

Foi possível constatar que a maior parte dos entrevistados relaciona como meio de comunicação o celular. Um caso interessante foi o dos jovens J, Cl, T, Ca, W. e D, os quais responderam o questionário na própria residência. Observamos que na sala de estar de todos havia televisão, porém, eles não relacionaram este aparelho como meio de comunicação. Na sala de T, a televisão dividia espaço com o aparelho de som e cestas de açaí, que havia acabado de ser colhido por seu padraço, configurando uma cena peculiar da Amazônia (Figura 4).

Figura 4 - Cestas de açaí dividem espaço com a televisão na sala de T



Foto: Monique Feio Igreja.

O entrevistado D. foi taxativo ao ser perguntado sobre o que significava um meio de comunicação: “*O meu celular. Se eu quiser falar com uma pessoa, aqui com ele [celular] eu posso falar, né?*”. Para D., o celular está mais avançado que a televisão: “*A televisão ajuda, né? Mas com o celular a gente pode se comunicar. A TV só dá notícia, já o celular transmite a notícia e a gente pode transmitir também*”.

A jovem Va., por sua vez, relacionou os meios de comunicação com a palavra “atualidade” e afirmou que tanto o celular quanto a televisão são meios de comunicação, mas pontuou também a diferença entre eles: “*Na televisão, a gente apenas vê o que está acontecendo, sabe o que está acontecendo, no telefone não, a gente pode, além de saber das notícias, se comunicar, falar sobre um assunto, acessar a internet, falar com outras pessoas. Isso é mais importante*”.

É interessante notar que, para a maioria dos jovens pesquisados, os meios de comunicação significam interação, e não informação. O celular se tornou um meio, na concepção dos jovens, devido ao diálogo que possibilita. A televisão, por sua vez, ainda não permite o intercâmbio entre os espaços físicos e virtuais, fator que corrobora para que a maioria dos pesquisados não a considere um meio de comunicação, ou a relacione como atrasada, frente às inúmeras possibilidades de interação que o *smartphone* proporciona e devido ao fato de oferecer

imediatividade e instantaneidade, vetores da mobilidade valorizados na sociedade da informação, na qual a rápida mobilidade é tida como ícone supremo. (LEMOS, 2011)

Sobre o acesso à internet pelo *smartphone*, 14 entrevistados declararam utilizar a web sempre, 5 apontaram que acessam de vez em quando e 1 afirmou que navega raramente no ambiente virtual. O uso se estabelece por meio da aquisição de planos de internet móvel, contratados junto às operadoras de telefonia, que possibilitam a conexão 3G no *smartphone*, pois os jovens não usufruem de conexão via *wireless*, que transmite dados de rede sem fio.

Quase a totalidade dos jovens (18 deles) relatou utilizar a internet para acessar as redes sociais, 8 participantes acessam com o objetivo de pesquisar trabalhos e 3 costumam fazer o *download* de músicas e filmes.¹¹ Apenas 2 jovens afirmaram não acessar as redes sociais, entretanto, eles declararam que têm conta ativa no *Facebook*. Com relação aos aplicativos que costumam usar no *smartphone*, quase todos os entrevistados (19 deles) citaram o *Facebook*, 16 participantes mencionaram o *Whatsapp*, 5 apontaram o aplicativo do *Instagram*, 5 indicaram o *e-mail* e 1 o *Twitter*.

É interessante notar a popularidade do *Facebook* entre os jovens. A respeito das formas de uso dessa rede social pelo *smartphone*, 16 entrevistados indicaram que curtem publicações, 11 têm o hábito de publicar fotos, 3 conversam pelo *chat* e somente 1 compartilha textos. Uma entrevistada também apontou que visualiza notícias por meio da rede social. As conexões, com a mediação da internet, podem ser individualizadas e personalizadas, adquirindo contornos variados e possibilitando, como exemplo, que os indivíduos tenham centenas de conexões, mantidas com o suporte de ferramentas técnicas. (RECUERO, 2009)

Dessa forma, os jovens de Murutucu constroem variados laços de associação no ambiente virtual e têm a possibilidade de tecer cotidianamente interações com diversas finalidades. O aparelho adquire sentidos de uso diferenciados: supre a necessidade de conexão à internet; aproxima os amigos distantes, tanto da ilha quanto de Belém; adquire *status* de companhia – o qual, anteriormente, era conferido na sociedade apenas à televisão; auxilia na realização de pesquisas escolares; ocupa os momentos de ócio, dando a eles utilidade; e, muitas vezes,

11 Ressaltamos que essa questão oferecia opção de múltipla escolha, devido a isso, a somatória de respostas ultrapassa 100%.

adquire um sentido de remédio, ao impossibilitar que a “doença” e a “loucura” acometam os jovens, pois ambas foram relacionadas à ausência do aparelho, já que “*parece que nada faz sentido sem falar com os amigos*”, como relatou uma das participantes da pesquisa.

Percebida fenomenologicamente, a tecnologia não é um “meio” e nem, tampouco, um instrumental externo, do qual se pode ter alguma consciência enquanto objeto, processo ou veículo. É, apenas, uma continuidade do corpo, uma extensão. Como tal, ela não cria conflitos e nem coloca um problema de interposição entre os “sujeitos” que a usam e a sua materialidade como “objeto”. Tais coisas não se distinguem, apenas se completam. Porém, se completam de maneira diferenciada para cada grupo populacional, conforme sua experiência social.

Por suposto, a relação entre os *smartphones* e a experiência social das camadas mais jovens da população tem especificidades que não serão encontradas em outros grupos etários. Esses jovens ocupam uma posição central no campo midiático, por meio da universalização do uso dos *smartphones*. Contexto que pode ser observado em Silva, Oliveira e Rocha (2005, p. 1):

A partir da segunda metade do século XX o estrato jovem da população passa a ocupar uma posição destacada em termos da cultura massiva e, posteriormente, do que se vem denominando o campo midiático, tanto na esfera da produção quanto na do consumo real e simbólico. Esse consumo, percebido em um sentido amplo, estruturado por e estruturante de complexas redes sócio-econômicas e culturais, expande-se e se reconfigura no contato com os fluxos da experiência urbana e no compartilhamento, nem sempre pacífico, de diferentes imaginários geracionais.

A relação da juventude com a tecnologia se dá por meio de códigos e práticas de consumo, de gosto e de sociabilidade que seguem um padrão de reprodução industrial e massiva e que atende aos apelos do marketing e da publicidade. Porém, não se pode reduzi-la a isso, pois os processos da mediação cultural que envolvem os indivíduos se produzem intersubjetivamente e complexamente a partir da sua experiência social.

Trindade (2011, p. 35) atenta para o fato de que a juventude atribui significados de acordo com os referenciais a que tem acesso, o que produz a existência de variados padrões de “juventude”: “[...] a juventude é interpretada e representada distintamente, de acordo com os contextos constituintes da mesma: as vivências, o lugar, o tempo histórico, as concepções de vida, entre outros aspectos”.

PERCEPÇÕES DA ESPACIALIDADE E TEMPORALIDADE: TIC E FLUXO ENTRE O URBANO E O RURAL

Percebemos que a proximidade física com a cidade se constitui um marcador espacial importante na vida dos jovens de Murutucu. O fácil acesso entre Belém e a ilha torna constante a comparação pelos jovens entre ambos. Dessa forma, a questão espaço-temporal se configura como um dos elementos primordiais desta pesquisa.

Dos 20 jovens, 17 responderam que gostam de morar na ilha, apenas um relatou não gostar, assim como um jovem respondeu “mais ou menos” a essa questão e outro afirmou que gosta “um pouco”. Quando perguntados sobre o que mais gostam do lugar em que moram, os jovens evocaram elementos característicos da ilha como fatores significativos da experiência de morar em Murutucu, tais como a tranquilidade, calma, sossego, silêncio, segurança e as atividades realizadas no rio, que interligam os entrevistados a um modo de vida diferente do relacionado a Belém, como expõem os depoimentos a seguir:

Eu amo morar aqui na ilha. Porque olha o silêncio... é bem ventilado. Ah, eu gosto. E eu acho que também porque eu fui nascida e criada aqui, né? Então eu gosto, ainda mais agora que tem luz direto. Só é ruim assim, esse negócio do celular, que a área não dá muito boa pra entrar na internet (Cl).

Gosto de tudo: gosto do rio, do silêncio (Am).

Eu acho que o que mais gosto daqui é a calma, o sossego (Ca).

Gosto de morar na ilha, eu acho que o que mais gosto daqui é da tranquilidade, é muito calmo, eu gosto de ficar em lugar calmo, sem preocupação, sem barulho (J).

Gosto da tranquilidade, é muito mais calmo do que em Belém (An).

Também questionamos aos 20 participantes sobre os elementos menos atra-tivos do local em que moram. Dessa totalidade, 14 apresentaram aspectos como a falta de água potável, de um sistema de saneamento, de coleta de lixo, a mare-sia – que limita os horários de locomoção pelo rio –, a baixa qualidade da área de operadoras para o acesso à internet pelo celular e o fluxo contínuo de lanchas que transitam em alta velocidade também estiveram presentes na fala dos entre-vistados. Foi possível constatar que não há uma hierarquia de importância nos serviços apontados, pois os jovens classificaram tais necessidades como pertencentes a um mesmo patamar de prioridade.

Fica evidente a realidade de carência de alguns serviços básicos não dispo-nibilizados aos moradores de Murutucu, como exemplo, a utilização de água po-tável, que necessita ser adquirida por meio de comerciantes que se deslocam em suas embarcações pelas margens do rio, oportunizando, assim, a aquisição de galões de água mineral pelos ilhéus. Por vezes, tal aquisição também é realizada em estabelecimentos comerciais localizados em Belém.

O lixo produzido pelos ilhéus, por sua vez, é queimado pela maioria dos mo-radores em seus quintais. No período das cheias, a água invade os terrenos e leva todo o lixo queimado, poluindo os rios. A questão sanitária também é problemá-tica, pois não há sistema de esgoto. Dessa forma, os dejetos também são jogados nos rios, sendo a mesma água utilizada para o banho dos habitantes.

Para introduzir a questão da percepção quanto à temporalidade, lançamos aos entrevistados uma questão presente no senso comum relativa ao “passar do tempo”: o tempo passa de maneira diferente na ilha ou na cidade? Os entre-vistados relacionaram o passar do tempo ao transcorrer das horas, em que três jovens citaram não sentir diferença no passar do tempo nas duas localidades e outros quatro apontaram que o tempo demora a passar em Belém. A maior parte dos participantes (13) afirmou ter a impressão de que o tempo costuma passar mais rápido na cidade. A seguir, destacamos comentários tecidos a esse respeito: *“Aqui [na ilha] parece que o tempo passa mais devagar, em Belém o tempo passa mais rápido. É meio esquisito, eu acho estranho isso, parece que o tempo voa”* (T); *“Lá em Belém passa mais rápido porque é tudo corrido, é muita agonia, é muito calor, é muito movimento”* (R); *“Acho que aqui o tempo passa mais lento porque a gente está acostumado com essa natureza, parece que o tempo não se anima. E lá não, lá tem um movimento, tem pra onde tu saíres, tem várias coisas pra fazer e quando vê já está em cima da hora, o tempo já passou”* (J).

Os depoimentos evidenciam o aspecto subjetivo da temporalidade. Ela está imbricada na relação do sujeito com o espaço que habita. Dessa forma, o tempo não se configura como um processo real, mas nasce da relação do indivíduo com as coisas. (MERLEAU-PONTY, 1994) Loureiro (2001, p. 67) destaca o caráter sensível do tempo: “[...] o tempo dos homens é como algo acontecendo sensivelmente, visivelmente em derredor”.

A experiência espacial e temporal dos jovens do Murutucu respondem aos ecos de sua intersubjetividade. Apesar da proximidade com Belém, os jovens têm consciência sobre a diferença da experiência espacial e tópica vivenciada em Murutucu e na cidade. Por vezes, o rápido passar do tempo na capital paraense é conferido ao seu agito e a lentidão é relacionada à Murutucu com a falta de atividades inseridas em seu contexto.

A utilização do celular também foi destacada como facilitadora para a percepção de que o tempo passa mais rápido na cidade, já que em Belém, os jovens têm acesso a uma qualidade melhor da internet. Assim, observamos que a questão do espaço e do tempo está inserida na relação com o *smartphone*, que produz temporalidades diferenciadas e espaços diversificados, na medida em que comprime o tempo, dilui fronteiras e redefine o espaço. (LEMOS, 2011) Dessa forma, os *smartphones*, e os processos de midiatização decorrentes do seu uso, produzem uma nova metafísica do espaço e do tempo, articulando formas de interação diferenciadas junto aos jovens de Murutucu.

Percebe-se assim que, nesse espaço amazônico, a fronteira entre urbano e rural é muito tênue, considerando que nesse espaço há diferentes territorializações e múltiplas hibridações. Os atores sociais, principalmente os jovens ribeirinhos pesquisados da ilha de Murutucu, vivem suas vidas em uma constante extensão, um constante fluxo, no seu cotidiano, de transição entre esses dois espaços, pois o que falta em um, o outro complementa. Nossas percepções foram tecidas, demarcando a não linearidade de urbano-rural, mas a contiguidade dos contextos culturais e das subjetividades relativas a essa população jovem em que as relações sociais ultrapassam essa segmentação.

É importante enfatizar que, mesmo não demarcando territorialmente esses espaços e suas diferenças, as relações entre “campo” e “cidade”, com seus estigmas e suas tipologias, também permanece presente na subjetividade dos jovens.

Com relação à percepção sobre o decorrer do tempo, notamos o caráter sensível que o configura: apesar da proximidade a Belém, os jovens de Murutucu

percebem uma diferença nítida no “passar do tempo” em ambos os locais. Na capital, o tempo é configurado de maneira mais acelerada para a maioria, devido ao agito e à possibilidade de melhor acesso à área da internet na cidade.

Nas relações interativas dos jovens de Murutucu, a tecnologia ganha uma importância significativa, seja pelo uso da internet ou do *smartphone*, na medida em que permite que esses atores sociais se posicionem em um cenário mais amplo. As funções de conectividade proporcionadas pelo aparelho estimularam o consumo e, principalmente, a produção de informações entre os jovens de Murutucu. Este dispositivo tecnológico transpõe as limitações presentes no território da ilha e se configura como uma “praça virtual”, um espaço de desdobramento de socializações.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; LIMA, José Júlio Ferreira. Tipologias e padrões de ocupação urbana na Amazônia Oriental: para que e para quem?. In: CARDOSO, Ana Cláudia Duarte (Org.). *O rural e o urbano na Amazônia: diferentes olhares em perspectivas*. Belém: Edufpa, 2006.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).
- CASTRO, Edna. Introdução. In: CASTRO, Edna (Org.). *Cidades na floresta*. São Paulo: Annablume, 2009.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Imaginários urbanos*. 4. ed. Buenos Aires: Eudeba, 2010.
- GUERRA, Gutemberg. A expansão do território de Belém para as ilhas. In: SIMPÓSIO AMAZÔNIA, CIDADES E GEOPOLÍTICAS DAS ÁGUAS, 2003, Belém. *Anais...* Belém: NAEA/UFPA, 2003.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LEMOS, André. Cultura da mobilidade. In: BEIGUELMAN, Giselle; LA FERLA, Jorge (Org.). *Nomadismos tecnológicos*. São Paulo: Senac, 2011.
- LIMA, Neumira Geraldo de. et al. A informação ambiental na ilha do Murutucu Belém-PA, 2009-2010: Um estudo de caso da relação urbano e rural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 2010, Bauru. *Anais eletrônicos...* Bauru: IBEAS,

2010. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2010/I-002.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Obras reunidas - poesia*. São Paulo: Escrituras, 2001. v. 1.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Bruna Gomes; CARDOSO, Ana Cláudia D.; BEZERRA, Fabiola N. C. A dualidade do ambiente natural/urbano e suas perspectivas em Cotijuba-Pa. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE O TRATAMENTO DE ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE EM MEIO URBANO E RESTRIÇÕES AMBIENTAIS AO PARCELAMENTO DO SOLO, 3., 2014, Belém. *Anais eletrônicos...* Belém: UFPA, 2014. Disponível em: <<http://anpur.org.br/app-urbana-2014/anais/ARQUIVOS/GT2-315-127-20140601225003.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SILVA, Josimey Costa da; OLIVEIRA, Rita Alves; ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. Vivências juvenis e urbanidade: articulações entre experimentação da violência e consumo cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1293-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

TRINDADE, Mariléia Pereira. *Representações sociais de jovens da ilha de Cotijuba*: Belém/PA sobre o ensino médio e relações com seus projetos de vida. 2011. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

VASCONCELLOS, Ana Maria de Albuquerque. *Espaço social e populações tradicionais na Amazônia*: conflito e resistência. Belém: Unama, 1999.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.